

## OS VÍRUS DE WILLIAM S. BURROUGHS

Mariana Ruggieri (USP)

RESUMO: A narrativa - se é que podemos chamá-la assim - de William S. Burroughs é comumente lida em registro distópico: sujeitos transformados em objetos diante de uma sociedade de controle, indivíduos apartados de si mesmos, um mundo, em suma, escatológico nas suas duas acepções possíveis. No entanto, parece importante considerar a remota - e por isso mesmo interessante - possibilidade de que no corpo que extravasa os seus limites, entrando em relação osmótica com o próprio entorno tecnificado, pode estar inscrito algo como uma abertura pós-humana ou transhumana; uma aliança intensiva com outras formas e corpos. O vírus, figura que povoa e contamina a escrita de Burroughs, torna-se, então, um elemento relevante a ser investigado, visto que o seu modo de existência replicante indetermina a fronteira entre vida e não-vida, entre orgânico e inorgânico, entre o si e outro - para isso, será também necessário investigar a biopolítica que se funda sobre o conceito da imunidade.

Palavras-chave: William S. Burroughs. Vírus. Pós-Humanismo. Imunidade.

O vírus são sempre vários. A linguagem militar mobilizada no enfrentamento do vírus já denuncia o fato de estarmos diante de uma multidão. Não é incomum que o discurso médico ocidental fale em termos de contágio e penetração hostil do corpo sadio, assim como do terrorismo e da insurreição desde dentro; subjacente à palavra erradicar está a compreensão de que o vírus é uma praga que se propaga exponencialmente se não houver o seu controle - extermínio - imediato. Que a palavra "corpo" possa ser utilizada para denominar uma instituição - o corpo docente; o corpo diplomático - não é mera coincidência e se interliga intimamente à noção de imunidade, noção que diz respeito primeiramente ao reconhecimento do que é próprio a si ou daquilo que é igual a si<sup>1</sup>. O vírus, ao contrário, não é corpo, são vários, se replicam, mas também e, principalmente, se modificam, atuando transversalmente, carregando

---

1 Nesse sentido, poderia ser interessante compreender a Revolta da Vacina como um acontecimento em que convergem a preservação das duas centrais de comando que caracterizam a modernidade - o indivíduo e o estado.

informações genéticas de uma espécie a outra: é puro código, como percebeu William S. Burroughs, – “In the Electronic Revolution I advance the theory that a virus IS a very small unit of word and image. I have suggested now such units can be biologically activated to act as communicable virus strains” (BURROUGHS, 2005, p.7). Se Deleuze<sup>2</sup> diz: “nossos vírus nos fazem fazer rizoma com outros animais” (DELEUZE, 2011, p.27), Burroughs o patologiza como aparato da sociedade de controle: “The virus gains entrance by fraud and maintains itself by force” (BURROUGHS, 2005, p.25).

Em suas primeiras obras, *Junkie* (1953), *Queer* (1951-53, publicado em 1985) e *Naked Lunch* (1959), o vírus aparece como agente do vício, sugando – “schlupping” – os heroinômanos para fora de sua pele e esqueleto. Esse primeiro vírus ainda não atua microbiologicamente; em vez disso, fagocita o corpo gelatinoso a que se reduziu o *junkie* – “replacing the user cell by cell” – e transforma-o exclusivamente em um local de replicação. O corpo passa a existir, então, somente para o vírus, no limiar indistinto entre o vivo e o não-vivo, o orgânico e o inorgânico, suplantado por um agente externo. A partir de *The Nova Trilogy* (1961-1967) o vírus já é outro, o vírus é mutante e vive dentro do corpo, faz – ou fez –, de alguma forma, parte do corpo,

From symbiosis to parasitism is a short step. The word is now a virus. The flu virus may once have been a healthy lung cell. It is now a parasitic organism that invades and damages the lungs. The word may once have been a healthy neural cell. It is now a parasitic organism that invades and damages the central nervous system. (BURROUGHS, 1994, p.49).

Em *The Electronic Revolution*, um ensaio de 1971, Burroughs atribui a origem da espécie humana a uma mutação provocada pelo vírus da palavra nas gargantas das espécies primatas, resultando em um corpo que poderia adequadamente hospedá-lo. Há nesse mapeamento genômico precário a teoria de que o vírus oscila entre parasitismo e simbiose, ora um, ora outro, modificando o seu hospedeiro rumo à simbiose total, de modo a manter vivo a sua condição de existência, que é o hospedeiro, pois a teleologia de Burroughs é sempre a da sobrevivência: “Would you offer violence to a well intentioned virus on its slow road to symbiosis?” (BURROUGHS, 2005, p.5). A

---

2 Que leu Burroughs e com seus textos pensou, por exemplo, o Corpo sem Órgãos.

linguagem, e ele limita especificamente essas teorias à linguagem humana – à palavra escrita –, concedendo outras formas de linguagem aos animais, teria habitado o corpo humano de forma pacífica, mas estaria naquele momento iniciando um processo muito veloz de mutação devido aos testes em curso, à sombra da guerra nuclear e bioquímica, sob ordens das forças de segurança nacional, e ativados pelos meios de comunicação em massa<sup>3</sup>.

Temos então em Burroughs um vírus sendo ativado com fins de controle, cujo poder destrutivo não consiste tanto em sua letalidade, mas em sua habilidade em passar despercebido. Este não é um vírus tanatopolítico, mas principalmente biopolítico. Como um agente infiltrado, ele transmite ao corpo uma mensagem criptografada que, quando descryptografada, é percebida como produção do próprio corpo e, a partir desse momento, se vê apto a instaurar o seu domínio<sup>4</sup>. Dado o potencial virulento da linguagem, propõe-se que como contraofensiva sejam utilizados gravadores de áudio, com a manipulação das fitas – como as fitas de DNA e RNA – por meio da técnica *cut-up*, uma espécie, por assim dizer, de engenharia genética, em que o áudio gravado é recortado e recombinado de modo a ser decodificado pelo receptor inconscientemente. Menos do que um antídoto, o que se propõe diante da inevitabilidade e da certeza da dominação total do vírus é aprender a ativá-lo sem deter a propriedade dos grandes centros de experimentação biogenética, por meio de um aparelho portátil que qualquer um poderia manejar.<sup>5</sup> O controle extremo deveria ser combatido com uma tentativa guerrilheira de controle. Seria possível produzir revoltas, provocar reações violentas, acabar com carreiras políticas. Não chegaria a haver o apocalipse pois não haveria revelação final. *The Electronic Revolution* termina sugerindo que a revolução é o fim:

- 
- 3 Em “No Apocalypse, Not Now”, J. Derrida (1984) afirma que a própria guerra fria seria uma guerra textual, “fabulously textual”, no sentido de que armas nucleares dependem, mais do que outras armas, de estruturas de informação e comunicação, estruturas de linguagem, estruturas de códigos e decodificação gráfica. Além disso, na medida em que a guerra nuclear até o momento não se deu, só é possível falar e escrever sobre ela.
  - 4 Embora pesquisas à época fossem ainda incipientes, Burroughs parece de alguma forma estar se referindo a um mecanismo similar ao do retrovírus, que se integra ao genoma do hospedeiro por meio da transcrição reversa do RNA em DNA.
  - 5 Há alguma semelhança com a arma de destruição em massa de *Branco Sai Preto Fica*, filme de Adirley Queirós.

“That is what this revolution is about. End of game. New games? There are no new games from here to eternity” (BURROUGHS, 2005, p.37).

Não há positividade possível no vírus de Burroughs, um vírus centralizador e enfadonho que condiciona o corpo humano a um exercício tautológico:

is it possible to create a virus which will communicate calm and sweet reasonableness? An unwanted guest who makes you sick to look at is never good or beautiful. It is moreover a guest who always repeats itself word for word take for take. (BURROUGHS, 2005, p.5).

cenário diante do qual ele aponta como solução possível descobrir como “the old scanning patterns could be altered so that subject liberates his own spontaneous scanning pattern”. (BURROUGHS, 2005, p.5). Como a natureza desse vírus mutante da palavra é, curiosamente, imutável, e não há como usar os mecanismos de controle para criar um mundo harmônico (o que, de fato, é um alívio, pois seria um sistema invencível), a mutação teria que se dar nos mecanismos de decodificação. O que Burroughs não percebe – embora pareça injusto ler um autor por aquilo que ele não escreveu – é que isso já ocorre, isto é, a linguagem se constitui desde sempre por sua polissemia; o vírus por sua capacidade de se sobrecodificar. Ambos são regidos por diferenciação interna, e não é, portanto, possível repetir-se, indefinidamente, palavra por palavra. A linguagem e o vírus são altamente erráticos, imprevisíveis em suas mutações, pois não chegam a constituir uma unidade, sendo principalmente circuitos abertos, de modo que instauram um regime da permeabilidade, tornando rarefeitas as próprias fronteiras do controle, ou seja, não há garantias para os seus efeitos. Ao empregar como aparato de controle o imprevisível, o sistema que se quer total deflagra e coloca à prova a própria noção de controle. A suposição de que uma mensagem pode ser codificada e subsequentemente decodificada pressupõe um sentido estável original como ponto de partida ao qual se pode retornar, sem ruídos<sup>6</sup>, assim como o corpo pelo qual se alastrou o vírus pressupõe um corpo primeiro harmônico, mas ao qual talvez não seja mais possível retornar: “The hope lies in the development of non-body experience and

---

6 Michael Serres aponta para um terceiro sentido da palavra parasita em francês, que é de barulho; ruído estático.

eventually getting away from the body itself” (BURROUGHS, 1965) – o contrário, em suma, do corpo acéfalo de Bataille.

\*

Se para Burroughs era o vírus quem melhor poderia cumprir a tarefa do domínio dos corpos e das mentes, parece interessante discutir a relação fundamental da biopolítica com o sistema imunológico, ou com o discurso sobre o sistema imunológico. Segundo Donna Haraway, em *Simians, Cyborgs and Women*, o sistema imunológico é um mapa criado para prescrever os critérios que dizem respeito ao reconhecimento e o desconhecimento de si mesmo e, por isso mesmo, do outro; um plano de ação para construir e manter intactas as fronteiras entre os territórios daquilo que se considera normal e daquilo que se considera patológico. O que Haraway chama de “Dogma Central” é a crença em um sistema total sob um único centro de comando que legisla sobre os fluxos informacionais dos códigos que determinam o sentido no grande sistema de comunicação tecnológico em que os organismos se transformaram depois da Segunda Guerra Mundial. A ideia de um sistema de controle centralizado minando um outro sistema de controle centralizado é bastante presente em Burroughs, sempre uma espécie de guerra total, ainda mais pela identidade quase absoluta entre corpo, tecnologia e semiose, e o reconhecimento da constituição orgânica/inorgânica do corpo e da crescente dificuldade em se referir às próteses como menos naturais (pensemos aqui no dildo falante de *Naked Lunch*, por exemplo). Se esse corpo tecnificado, tornado texto, é lido de forma ambivalente, ora como cerceamento, ora como libertação, principalmente de ordem sexual,

The physical changes were slow at first, then jumped forward in black klunks, falling through his slack tissue, washing away the human lines...In his place of total darkness mouth and eyes are one organ that leaps forward to snap with transparent teeth...but no organ is constant as regards either function or position...sex organs sprout anywhere...rectums open, defecate and close...the entire organism changes color and consistency in split-second adjustments... (BURROUGHS, 1991, p.13).

sugere-se também, por outro lado, que é justamente a molecularidade do corpo que o torna suscetível à ataques externos.

A questão, porém, para Haraway, é que não se nasce organismo, torna-se organismo – ou, na versão de Beatriz Preciado: “¿cómo hacer un órgano a partir de un nombre?” (PRECIADO, 2002, p.106) – e se, diante disso, ser organismo significa a cada momento se atualizar em uma versão de organismo, percorrer as séries, escolher, a cada vez, o que fica e o que passa, não há harmonia ou equilíbrio originário, para onde poderíamos, se nos esforçássemos e utilizássemos a biotecnologia correta, voltar. O mundo é um *coding trickster*, o nosso corpo também, e mais do que replicar-se a si mesmo, o que se replica são permutas e recombinações dos códigos pelos quais somos atravessados. Talvez exista algo equivocado em referir-se aos “nossos corpos” quando não há uma entidade anterior que se constitui primeiramente sem corpo e ao qual o corpo, depois de constituído, passa a pertencer. Também não faz sentido dizer que somos atravessados por códigos, como se houvesse uma superfície ou um meio gelatinoso anterior pelos quais as informações passam. Nós somos o corpo, o corpo somos nós; nós somos o atravessamento de códigos e é esse atravessamento indefinido, sem direção exata, de fora para dentro, de dentro para fora, colapsando dentro e fora, que constitui, por exemplo, um corpo sem órgãos.

O desejo de, em última instância, se livrar do corpo para escapar ao vírus, apresentado por Burroughs e por muitos outros empolgados à época com Inteligência Artificial, pressupõe uma entidade que existe antes e depois do corpo e, portanto, existe em conjunção sincrônica com o corpo sempre como limitação. O contexto, para Burroughs, parece ser algo superável, pois tudo se traduz em codificação para ser decodificado sem ruídos, o contexto é sempre apenas o barulho da informação circundante, sem a qual poderíamos viver melhor, menos vulneráveis diante da sociedade de informação. A doença é, portanto, nesses termos, uma sub-espécie de defeito de informação ou uma patologia da comunicação, um processo de não-reconhecimento ou transgressão das fronteiras da montagem estratégica a que nomeamos como si. Mas talvez o contexto fosse menos limitante se compreendido como co-texto, texto com, uma co-estrutura onde não há estruturas principais.

De acordo com Jean Luc Nancy, o corpo está em contínuo corpo a corpo, não há corpo que não esteja “a corpo”. Que o existente não coincida por inteiro consigo

mesmo, mas que ao mesmo tempo não proponha nenhum fundamento transcendente: esta condição é a técnica. Técnico é o modo de ser não essencial, não teleológico, não pressuposto do que existe. Segundo Roberto Esposito, ao descrever essa ontologia do corpo tecnificado, Nancy assume que o corpo originariamente técnico significa que os processos em curso não fazem mais do que evidenciar a modalidade própria, isto é, necessariamente imprópria, da corporeidade. Não só não é possível voltar a um estágio anterior, senão que não há estágio anterior ao que somos hoje. Por outro lado, o sonho aberto para o futuro da existência pós-corpórea, aquilo que aparece talvez como a única utopia possível em Burroughs, diante de um corpo que é por princípio tecnificado, isto é, a superação do corpo coloca-se, para Foucault, como a origem das utopias: “Depois de tudo, creio que é contra ele e como que para apagá-lo, que nasceram todas as utopias” (FOUCAULT, 1966). Não apenas o triunfo do espírito sobre o corpo, da energia sobre a matéria, a possibilidade de uma humanidade transcendente, mas também a múmia que eterniza o corpo como coisa rija, sólida, não mais orgânica, plástica. Mas é verdade também que à medida que avança em sua conferência, o corpo deixa de circunscrever a potência utópica humana a um lugar específico e passa a existir como ponto de partida da utopia, porque desde sempre deslocado de seu próprio lugar: “Estava muito equivocado há pouco ao dizer que as utopias estavam voltadas contra o corpo e destinadas a apagá-lo: elas nasceram do próprio corpo e depois, talvez, se voltarão contra ele.” (FOUCAULT, 1966). Será toda utopia autoimune?

\*

O projeto genoma e o furor midiático pelo qual ele se fez conhecer consistia no mapeamento extensivo e preciso das diversidades humanas e patológicas as quais poderiam ser então domesticadas em uma espécie de código universal (o equivalente científico de uma língua universal, lembremos aqui de “El idioma analítico de John Wilkins”, de J.L. Borges) que garantiria o prevalecimento do corpo humano diante de ameaças externas. Este método desenhando para determinar por meio do rigor científico a especificidade da espécie humana em relação às outras espécies, no entanto, revelou principalmente que nós somos largamente constituídos por aquilo que não é humano e que o menor denominador comum da espécie humana, que é o indivíduo humano, não

constitui uma unidade coesa, um sistema fechado de informações. Assim sugere Haraway: nós, ou o que se convencionou chamar de nós – a nossa dimensão macroscópica – não nos constituímos como unidades de cópia (a não ser que nos identifiquemos com os nossos gametas e seus conteúdos). Dentro desse “nós” está o outro mais ameaçador – os propágulos cujos fenótipos nós, temporariamente, somos.

No início dos anos 70, o imunologista Niels Jern, vencedor do Nobel, propôs uma teoria em que o sistema imunológico se autorregula, como em uma rede, se diferenciado de outras teorias imunológicas porque concede ao sistema imunológica a habilidade de se regular utilizando-se somente de si mesmo. A ideia de Jerne era basicamente de que qualquer molécula de anticorpo deve poder agir funcionalmente tanto como anticorpo para alguns antígenos, como antígeno para a produção de um anticorpo contra ele mesmo. A concatenação de reconhecimentos e respostas internas ocorreria indefinidamente, uma série de espelhamentos internos nas moléculas imunoglobulinas, de modo que o sistema imunológico estaria sempre em um estado dinâmico de resposta interna. Essa ideia significaria que

all possible reactions that the immune system can carry out with epitopes in the world outside of the animal are already accounted for in the internal system of paratopes and idiotopes already present inside the animal. (GOLUB apud HARAWAY, 1991, p.219).

Não estaria, assim, nunca passivo, hibernando, esperando um estímulo com capacidade de ativação desde um mundo externo hostil. De certa maneira, não poderia haver uma estrutura antigênica exterior, nenhum “invasor” que o sistema imune não tivesse já visto e espelhado internamente. O si e o outro passam a se delinear ao largo de qualquer oposição e se intercambiam em exercícios sutis de leituras e respostas parcialmente espelhadas<sup>7</sup>. O corpo, para ser corpo, na medida em que é corpo, são

---

7 Não menos interessante é observar que “parasita” em grego referia-se inicialmente àquele que comia ao lado de, junto de, sendo hóspede diante de um hospedeiro, palavras cujas etimologias são as mesmas, e em algumas línguas, como o francês “hôte”, uma mesma palavra designa ambos; em inglês as palavras “host” e “guest” remetem a *ghos-ti*, estranho, hóspede, hospedeiro, “someone with whom one has reciprocal duties of hospitality.” (MILLER, 1977, p.442). Michael Serres também escreve sobre a indistinção entre o parasita e o hospedeiro, onde o parasita descreve uma relação, mais do que uma posição fixa, na qual a lógica da troca, “or really instead of it, it manages to hide

sempre também vários. O modo em que opera a genética das células do sistema imunológico, com sua alta taxa de mutação somática e rearranjos e cortes dos genes para construir receptores e anticorpos torna inviável a noção de um genoma constante mesmo dentro de um “único” corpo. O sistema imunológico está por toda a parte e em nenhuma parte. Suas especificidades são indefinidas, senão infinitas, e elas surgem aleatoriamente. E, ainda assim, estão justamente nessa variabilidade extraordinária as condições da manutenção da coerência do corpo individual.

### Referências

- » BURROUGHS, William S. *Naked Lunch*. Nova Iorque: Grove Press, 1992.
- » \_\_\_\_\_ . *The Electronic Revolution*. UBU Classics, 2005.  
Disponível em: [www.ubu.com/historical/burroughs](http://www.ubu.com/historical/burroughs).
- » \_\_\_\_\_ . *The Ticket that Exploded*. Nova Iorque: Grove Press, 1994.
- » \_\_\_\_\_ . “William S. Burroughs, The Art of Fiction No. 36”. In: *Paris Review*, Fall, 1965. Disponível em:  
<http://www.theparisreview.org/interviews/4424/the-art-of-fiction-no-36-william-s-burroughs>
- » DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 2011.
- » DERRIDA, Jacques. “No Apocalypse, Not Now (Full Speed Ahead, Seven Missiles, Seven Missives)”. In: *Diacritics*. Vol 14, No 2, Nuclear Criticism, (Summer, 1984).
- » ESPOSITO, Roberto. *Immunitas: Protección y negación de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2009.
- » FOUCAULT, Michel. *O Corpo Utopico*. Conferência de 1966. Disponível em:  
<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/38572-o-corpo-utopico-texto-inedito-de-michel-foucault>
- » HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs and Women*. Nova Iorque: Routledge, 1991.

---

who the receiver is and who the sender is (...)” (SERRES, 1982, p.16).

- » MILLER, J. Hillis. "The Critic as Host". In: *Critical Inquiry*, Vol.3, No3 (Spring, 1997).
- » NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Nova Iorque: Fordham UP, 2008.
- » PRECIADO, Beatriz. *Manifiesto contra-sexual*. Madrid: Editorial Opera Prima, 2002.
- » SERRES, Michel. *The Parasite*. Baltimore: John Hopkins UP, 1982.